

O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 14 DE SETEMBRO DE 1862.

N. 49.

A ESPIA OU O SEGREDO DOS CARBONARIOS.

PAR
FREDERIC SOULLIE

(Continuação)

—Faviani ! elle disse ella, chegarão-me hoje noticias de Nápoles : ellas exigem huma grande resolução minha : quero consultar vos a este respeito.

—Entendo, disse vivamente o marquez, algumas cartas de vossa familia que exigem huma separação. Oh ! senhora, segui os seus conselhos : não tendes necessidade dos meus. A estas palavras levantou-se para sahir.

—Euzanias-vos, disse a marquez, e a meu pesar tocatis em huma objecto, que ha muito tempo eu tinha frencionado não tocar. O que tenho que perguntar-vos, perguntando a hum estranho, ao homem que não estivesse ligado a mim por cadên alguma, se soubesse que tinha direito de lhe fallar de um segredo que não he só meu.

Faviani se tornou a sentir. Pareceu ter curiosidade deste interesse da vida de Fiavilla, desta resolução a tomar, separada de seus direitos e vida de esposa. Ella continuou :

—Hoje huma mensageiro me trouxe noticia da prisão dos senhores... (Disse os nomes que tinha ouvido na praia de Nápoles.) Faviani se chegou para ella. —Seu crime, continuou, vos o sabeis : parece que houve huma traição : vos sabeis qual he, neste caso, a justiça dos carbonarios : condemna o traidor a morrer.

—Que traidor ? exclamou Faviani : quem he o traidor ?

—Não o conheço, respondeu Fiavilla com perfeita simplicidade, mas parece que está em França.

—Em França ! repetio Faviani, lançando em roda de si hum olhar assustado, como se receasse ouvir sahir seu nome de algum canto escuro desse quarto.

—Está designado quem deve executar a sentença.

—Es tu talvez ? disse Faviani.

—Não o creio, respondeu ella firmemente. Não seria a fraqueza de huma mulher que quererão confiar huma tão terrivel execução. Talvez seja a vos, talvez a algum outro. Entretanto, querem-se assegurar ainda da fidelidade de todos aquelles que já derão o juramento fatal, antes de revelar o nome da victima e o do algoz. Esta nova promessa exige-a de vos : pedirão-ma.

—A vos ? disse Faviani olhando para a marqueza com terror.

—A mim, repetio ella olhando-o com firmeza.

—A vos só ? perguntou elle ainda.

—A mim só, respondeu a marqueza.

Hum silencio bastante longo se seguiu a esta res-

posta. Faviani, com os olhos fitos diante de si, deixava apparecer em seu rosto as mil emoções que o despobgavao. Sem estar certo da verdade, já a entrevia. Lembra-se das seducções da condessa, lembrava-se das confidencias imprudentes que ella lhe promettera esquecer, e admirava que sua leviandade as tinha dito. Seu amor ainda não tinha supposto que a condessa podesse ser criminosa. De repente, deixando-se captivar por essa reguera em que se comprazia a nadar desde que se não atrevia mais a olhar para o caminho que tinha escolhido, e só podendo dar as noticias de Fiavilla huma conclusão que o accusava directamente e a elle só, exclamou, abanando a cabeça :

—Tudo isto he apenas huma fabula inventada por alguns leucos para reviver hum espirito moribundo de conspiração, e he preciso que tenhais perdido a cabeça para lhe dar o menor credito ! Quem he esse mensageiro ? algum intrigante, que só achou esse meio para vir mendigar a França em nome da patria. Quem he essa victima, e quem he esse algoz, esse traidor, e esse seide ? Sem duvida algum homem pacifico, de que algum espadachim espera tirar alguns escudos. Onde pois está esse tribunal, essa sentença ? Haverá lá hum punhal em cruz posto sobre o peito do criminoso, com essas palavras escriptas sobre a lamina ?—He esta a justiça dos carbonarios ?—Minha querida Fiavilla, he huma historia de francmaysos a que quizero dar realidade, e que te fizeram acreditar como a huma criança.

O marquez, depois deste discurso, com que se aturdera a si mesmo, se preparava a sahir do quarto, quando Fiavilla lhe disse docemente :

—Se essa he a vossa opinião,izei-me o que devo responder a Spaffa quando elle vier esta noite saber o que decidei.

—Spaffa ! he Spaffa que está aqui ? disse o marquez parando immediatamente.

—He Spaffa o mensageiro, respondeu Fiavilla, poado-se entre Faviani e a porta... sois vos a victima, disse ella levantando a voz, e eu sou o algoz, arreセントou avançando para Faviani.

—Tu ! disse o marquez rindo-se, mas pallido de terror ! tu ! huma fraca mulher que eu esmagaria com hum gesto. E fallando assim, chegou-se para ella, como para lhe persuadir o seu poder. Ella levantou sómente a mão e lhe respondeu :

—He preciso muita força para deitar veneno em hum copo ?

Ah ! exclamou Faviani com os olhos-turvos e como ferido pelo raio, tu me evenenaste.

Fiavilla olhou para elle com ar indizivel, e lhe disse com hum tom, em que a seu pesar se mostrou a desesperação :

Esqueceste-vos que, a oito dias, resta apenas nesta casa hum pedaco de pão, e que não sou eu mas quem se senta á vossa mesa ?

Faviani cahio atterrado sobre huma cadeira. Fia-

villa derramou profusas lágrimas. Desta vez não tentou verdadeiro e sem subterfúgio trilhar estrada no coração do marquez, o nome de Spaffa lhe fez saber tudo o seu da América. Levantou-se, compreendendo pelo quarto como hum insecto, não podendo falar-lhe ao pensamento em seu espanto; incapaz de hum partido, precipitou que fosse por hum parou junto de Fiavilla.

—Então, lhe disse elle, vistes Spaffa?

—Hum sinal lhe responder. Elle continuou:

—Foi elle que vos contou essa historia, e que me accusou, que vos deu esse veneno?

—Foi elle, disse a marquezza.

—E vos o reconhestes? disse Favianni tratando o vos o reconhestes? e com quem tem o reconhestes?

—Ei lo aqui, disse Fiavilla, voltando-se para seu marido e levantando os olhos para elle, nos quaes se por entre suas feições, brilhava a mais pungente supplica, era o rogo para te salvar. Escuta e escuta os proprios palavras de Spaffa: Tu es a primeira votada a esta obra de vingança, depois de ti e depois de hum outro; depois desse, não entendes, Favianni, tu, como es Spaffa, era a morte, a morte certa. Acorda para te salvar. Agora he preciso que partamos, que immediatamente devemos esta cidade para não termos voltar a ella, que vamos para algum esconro para desconfiados, com nomes suppostos, e o trabalho por unico recurso.

Calou-se porque Favianni não ouviu mais; e ahi elle ficado no lugar da imagem de Spaffa, e já formado de sua primeira suppesa, meditava os meios de lhe escapar.

—Depois de ti, elle, disse o marquez reflectindo profundamente depois delle, outro. Oh! tu sorte de Spaffa aterrará esse.

A estas palavras preparou-se para sair. Fiavilla se atirou a seu encontro.

—Onde vais, Favianni? lhe disse ella.

—Que vos importa? respondeu elle brutalmente.

—Onde vais? repetiella com terrivel resolução.

—Vou assegurar minha salvação, replicou o marquez.

—Todo está prompto para a fugida, disse Fiavilla.

Favianni a repellio com desdém.

—A fugida? repetio elle; não quero deixar Paris.

—Onde vais então? disse Fiavilla. Vais denunciar Spaffa, miseravel?

—Se eu não soubesse que já estas louca, respondeu Favianni ironicamente, estas palavras não certificarão. Eu vou, vos o disestes, vou denunciar Spaffa, e entregar a justiça hum assassino desesperado, hum miseravel, verdadeiramente miseravel, elle.

—Que te he isso tudo o que obtives de meu sacrificio por ti, Favianni? porque deves saber que, recusando obedecer, associei-me a tua trahição, e que a morte fica sendo a minha recompensa.

—Inutil ameaça, replicou Favianni, inutil ameaça de que a prisão nos livrará a ambos.

—Que? exclamou Fiavilla, não basta ter dado tantas cabeças nos algozes de Napoles, queres mandar tambem a sua ao algoz de Paris?

—Devo esperar pacificamente o seu punhal?

—Já te disse que podes fugir.

Ea respondeu que não queria fugir.

Ahi exclamou a marquezza, entendo enfim: he preciso que fiques em Paris para arrastar tua vida deshonrada nos pés dessa infame prostituta, que por ouro vendeu o segredo que te pagou com seus criminosos tempo.

—Fiavilla, gritou elle gritou o marquez.

—E para que? respondeu Fiavilla. He porque podes matar-me, quando achado de salvar-te a vida? Ja não es bastante bravo para o pensar. Podes denunciar-me, eis ali tudo. Pois bem, vai mas não a casa de hum magistrado, não a casa de hum homem esmeralhado honrosamente da segurança dos cidadãos; vai a casa de hum desses lavras e outros agentes da policia, assalariados para espezar as consciencias, para manchar as existencias que tocam, para tornar infame a salvação que prometão; vai a casa desse agente e amando esse não, vai a casa da tua amada!

—Fiavilla! gritou ainda Favianni, em quanto todo o seu corpo tremia como vibra hum cordão de ferro.

—Sim, continuou a marquezza sem reparar nesse trato horrivel, tu ella cujo amor, paixões tão puro, cuja policia ferrea tão santamente saboreavas; tu ella que, depois de te ter arrastado pela lama e espezado a seu nível, tu ella que entrezaria a salvação dos teus amigos; ella se espereu de hum, tu vais completar a lista, he justo; tu não podes ficar atrás delle, e vai, vai pois seeres digno hum do outro.

—Ah! exclamou Favianni com despreso, sepi deos deixado! agora ad'vindio toda e da comedia. Meditaste por muito tempo esta historia? Graças de so, ou Spaffa te arrastou? Era, sem duvida, humia figura admiravel, fazer-me fugir immediatamente sem a ter visto, deixando-me a desesperação de a supportar crimmosa; mas, Fiavilla, tu não eras bastante forte para este papel; tu não te trahio, teus insultos furiosos me disserão a verdade. Adeos, pobre mulher, adeos, a confessa de Palla me espera para hum festa.

Fiavilla cahio atterrada sem força e de joelhos diante delle, mas elle a afastou brutalmente e sahio sem escutar seus soluços nem seus gritos.

(Continua.)

Pedro e seu amo.

Sub este titulo pretendemos escrever uma serie de artigos que tendão unicamente a dizer verdades sem que firamos ou offendamos o melindre, reputação, honra, virtudes, bem estar *et magna reliqua* do pesoa alguma.

Não penetramos o lar domestico para que não nos chamem de insbilhuteiro ou couza que o valha.

E, para que deixemos desde já nossos leitores e leitoras, (com estas, poucas, bem poucas graças queremos porque são mais *sabidas* que nós) descansados e sem receio de nos lerem expliquemos a materia.

Seguiremos, passo á passo certos *marrecos* e certas *pombas sem fel* (é offensa?) em suas gloriosas conquistas.

Para isso, declaramos desde já a nossos

leitores em geral, que possuímos um *mole-cote* de 18 annos de idade, fallando *descasbaradamente* o portuguez e com *arte* o francez; bastante *espirituoso e sapez*; traja *libré* completa, coturnos por fóra da calça de gazemra amarella; é elle encarregado de nos narrar *tim, tim*, por *tim, tim* do quanto poder espreitar nos bailes, espectáculos, reuniões do quanto se passar por esta bella cidade e for digno de especial menção. (Não queremos contudo imitar ao *Cheminista*.)

Esse *moleque* que temos offerecidos aos influentes das sociedades, para, *cosa* a hondeira *com copos* com agua, lipiores & A. servir as *Senhoritas*, esse *moleque*, repetimos, chama-se *Pedro*; e *Pedro* nos informará com minuciosidade, rectidão e justiça de tudo quanto tiver *visto e ouvido* por onde andar, e será elle proprio o portador de nossos agradecimentos ou sençuras á aquelles a quem nos dirigirmos.

No theatro terá elle um lugar muito especial para poder apreciar os dramas, e expectadores e depois nos contar tudo.

Começemos, pois a nusa *lenda* dizendo:

Pedro--prepare-se com todo o esmero e revista-se do costumado desembaraço: Vá-procurar aos *Senrs. e anthores da União*; diga-lhes que Você nos dias 6 e 7 do corrente esteve a pé quedo, das 3 horas da tarde em diante, na porta do salão em que essa sociedade dá os seus bailes, na esperança de que festejassem com um baile o anniversario da *união* e liberdade do povo que occupa a maior parte do novo mundo; mas que não vendo até as 10 horas da noite nenhum signal disso se retirou para casa e extrahou essa falta imperdoavel commettida por esses *Senrs.*; deixando assim Você de cumprir seus deveres, sendo privado de offerecer ás *demoiselles* um copo com agua.

Dirá tambem que, essa falta acarretando graves censuras, não admitte desculpa, porq' desdizem-se completamente do titulo de *arromba* com que *baptizárão*, mas não *confirmárão*, a sociedade; e tanto assim que, se com effeito é *união* deveria mostrar-se nesse grandioso dia.

Dirá ainda que já começamos a nutrir desconfiança da *união* e *quasi* estamos

persuadidos que ella caminha á redução de *unidade*. Entretanto aguardamos ansiosos (e Você tambem, Pedro,) o proximo baile em que *alguem* enformará a você a razão porque não foi festejada a Independencia com uma reunião da *união*.

Não se esqueça, pois, moleque, do quanto lhe deixamos dito e das recommendações que lhe fazemos.

Depois, disse, Pedro, dirija-se ao *Paraizo* e de nossa parte, diga ao seu Empresario que, não sendo elle brazileiro e *unido* mostrou mais patriotismo que elles o que por isso lhe tributamos agradecimentos. Siga d'ahi ao theatro procure o *menino moço* e diga-lhe que brilheu e que aquella louca amarella lhe assentava perfeitamente e realçava muito.

Comprimente aos nossos impagaveis--João do Prado, José Theodoro e Fagundes que brillarão; e ao Senr. Cypriano, por ter tido a idéa de escolher um tão bello drama para ser levado a scena no dia da nossa gloriosa Independencia, diga-lhe com todo o emphase--*bravo! bravissimo! viva o patriotismo! !...*

--Muito bom, nonhó! muito bom! muito bom! !..

--Ah! e o Senr. *Caruoli* nonhó? Aquelle cavalheiro que tão bem comprehende as partes que lhe são distribuidas nada digo a elle, nonhó?

--Oh! sim, dir-lhe-has que continuo a dar-nos o prazer de ve-lo em scena muitas vezes; e que o *guz* e o certo *nonchalance* com que elle se apresenta são motivos para que seja sempre bem acolhido.

--E depois nonhó?

--Depois dirija-se a rua Augusta, entre em casa do Senr. Nicolás, onde aquelles moços *bonitos* costumão fazer suas reuniões *puletricas*, comprimente-os com toda sagacidade e *garbo de prôa* a *papa*, fassa uma grande barretada ao Senr. *Francisco das noças* e depois diga-lhes que pertendes no proximo Domingo visitar-lhes da minha parte e contar-lhes certas *lendas, ouvidas, e contadas* de certos *marrecos* dessa *pandega*.

--E aos Senrs. *Zê de Christo* e *Jove Iano* nada digo a elles?

--Escuta Pedro: diz-lhes-has tão so.

mente, na reticula depois de teres filado de cada um deles um charuto, apertando-lhes a mão; *laxa como chicão a moda de Jacaré!* e ao relatar-se compriamente a todos, com o mesmo *giz* do lousavel costume.

--Só nonhô?

--Por ora só; va depressa, não se esqueça a que lho recomendo; e depois de dar seu passeio para ouvir, ver, e indagar do que se passa, conta-se, e ha por essas ruas, becos, esquinas e largos volte a relatar tudo.

Muito bom, muito bom nonhô!
Pedro e seu amo.

POESIA. SONETOS.

Em uma fada tão suave e pura,
Que ao vel-te o coração n'estremeceia
E minh'alma exaltar se parecia
Em arotos de magica ternura.

Em um typo de ethera formosura,
Que as imagens do Céu reproduzia,
Em um anjo no exalto que dormia
Insenavel a tanta desventura.

Cego de amor contei-lhe minhas dozes,
Dediquei-lhe minha alma entereceida
E sagrei-lhe meus tímidos amores.

Ouvi-me a historia--não ficou sentida,
Vio-me em torturas--não mudou de cores
Em uma estada estapida e sem vida.

Dr. Francisco Octaviano.

Tem na face de neve a cor do pejo
E nos languidos olhos a do Céu pintada,
E no vem d'ouro, a trança desatada,
Gobrinato o seo a sofrego desejo.

Em seus labios de rosa em um só beijo
De mais, para ser-me a vida evaporada
Pois só um seu sorriso d'endeada
Quasi morte de amor minh'alma veijo.

Não tem ajuiz do Céu, como as temetta
Tão lindas formas, tanta graça e encanto
Nem a terra possue virgins mais bella.

Nem lá nem cá também já se amou tanto
Como em sempre te amei cada donzella
Que um anjo fozas não ser meu pranto.

Dr. Silveira de Souza.

Em anjo ou saraphim cuja magia
Divlevo todo o ser me arrebatava
Em o ente ideal com que sonhava
Cuja imagem o peito me prendia.

Em o sono continuo--se durmia
Em a forma que eu via--se velava
Em tudo que ao mundo me ligava
Só a quem por mim na dor entereidia.

Uego na adoração, mystico enleio
Em que a alma se perfum doceceida,
Fento em vão ao meu unir seu seo.

Não quiz repeliar-me friamente
Quebrou tanto mystero sem receio
Em apenas mulher e tão somente.

Dr. João Ignacio Silveira da Motta.

Declarações.

Rogamos aos Srs. assignantes de este periódico que se achem em debito de suas assignaturas a bondade de mandarem-nos a penna para ser paga adiantada e uma de suas condições.

A decifração do Logogrifho n. 18 é Cavalla e do enigma pittoresco a penna faz a revolução e a espada a desfructa.

Typographia Catholica
de Germano Antonio Maria Avelar, Rua Augusta
N. 23.—1862.

ENYMA PITTORESCO.

Ve
zes
Ve
zes
Ve
zes
Ve
zes
Ve
zes

MENTIRA



P.O.

CON

verdade